

As Transmutações da Reencarnação: política, religião e reforma social na França (1820-1855)

Marcelo Gulão Pimentel¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i45.66779>

Resumo: Durante a primeira metade do século XIX, a França foi cenário de uma ampla sorte de filosofias religiosas que se atrelaram com os ideais de reforma social celebrados pela Revolução Francesa, gerando pressupostos reformistas presentes nas ondas revolucionárias de 1820, 1830 e 1848. Neste artigo são relatados e debatidos os preceitos reformistas das novas formas de religiosidade que se vincularam ao conceito de reencarnação, tanto para a construção de discursos políticos quanto para a formulação de teorias religiosas. Através de estudos de referência sobre o tema, são revisitadas fontes primárias e acrescentadas contribuições acadêmicas posteriores. O artigo se encaminha para conclusão com a discussão sobre a propagação das ideias reencarnacionistas na sociedade francesa como resolução para a questão da desigualdade. Assim, as diferentes acepções da reencarnação encontram sentido e estabilidade no propósito comum de orientar o progresso social.

Palavras-chave: Reencarnação, Reforma Social, Espiritismo, Progresso e Religiosidade

¹ É Pós-Doutorando em História pela UNIVERSO. Possui Graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2004), Pós-Graduação Lato-Sensu em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense (2006) Mestrado em Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2014) e Doutorado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2019). É professor de História do Colégio Naval. E-mail: mgulao@yahoo.com.br

The Transmutations of Reincarnation: politics, religion and social reform in France (1820-1855)

Abstract: In this article, the reformist precepts of the new forms of spirituality that appeared in France in the first half of the 19th century are reported and discussed, in which it was the scene of a wide range of religious philosophies that were linked with the ideals of social reform celebrated in the French Revolution. Some of these authors' assumptions, such as the idea of social regeneration, progress and reincarnation, will be present in Spiritist philosophy, constituting part of its main pillars. Through reference studies on the subject, primary sources are revisited and later academic contributions are added. The article ends with a discussion about the propagation of reincarnationist ideas in French society as a solution to the issue of social inequality.

Keywords: Reincarnation, Social Reform, Spiritism, Progress and Spirituality

Las Transmutaciones de la Reencarnación: política, religión y reforma social en Francia (1820-1855)

Resumen: Durante la primera mitad del siglo XIX, Francia fue escenario de una amplia gama de filosofías religiosas que se vincularon con los ideales de reforma social celebrados por la Revolución Francesa, generando presupuestos reformistas presentes en las oleadas revolucionarias de 1820, 1830 y 1848. En este artículo se relatan y discuten los preceptos reformistas de las nuevas formas de religiosidad que se vincularon al concepto de reencarnación, tanto para la construcción de discursos políticos como para la formulación de teorías religiosas. A través de estudios de referencia sobre el tema, se revisan fuentes primarias y se añaden aportes académicos posteriores. El artículo termina con una discusión sobre la propagación de las ideas reencarnacionistas en la sociedad francesa como solución al problema de la desigualdad. Así, los diferentes significados de la reencarnación encuentran sentido y estabilidad en el propósito común de orientar el progreso social.

Palavras-clave: Reencarnación, Reforma Social, Espiritismo, Progreso y Espiritualidad

Recebido em 23/01/2023 - Aprovado em 13/03/2023

Introdução

A França da primeira metade do século XIX foi um período em que surgiram novas

formas de religiosidade, envolvendo aspectos políticos, religiosos e sociais que geraram pressupostos reformistas presentes nas ondas revolucionárias do período. A proposta deste artigo é apresentar e discutir como a ideia de reforma social foi vinculada ao conceito reencarnação tanto para a construção de discursos políticos quanto para a formulação de teorias religiosas.

Para compreender como os princípios de reforma social repercutiram na sociedade francesa, é necessário considerar a atuação de alguns de seus principais idealizadores como reformistas políticos e religiosos, bem como dimensionar suas influências sobre alguns dos mais reconhecidos escritores românticos franceses, que difundiam estes ideais para um público letrado cada dia mais numeroso. Desse modo, foi realizado um trabalho de revisão e avaliação dos principais autores franceses que estabeleceram as ideias de reencarnação e suas variantes, como a palingenesia e a metempsicose, na sociedade da época.

A obra *Secular Spirituality: Reincarnation and Spiritism in nineteenth-century France*, de 2006, escrito pela pesquisadora estadunidense Lynn Sharp será a referência para este trabalho. Sharp interpreta por espiritualidade secular as ideias defendidas por esses escritores que apresentavam maneiras novas de ligação ao sobrenatural, mas essa interação não prescindiria da luta política na busca de conquistas sociais que levasse a humanidade a alcançar a regeneração social (p. xii-xiii).

A transformação do percurso à reforma social

O ideário reformista incorporado no lema da Revolução Francesa como “fraternidade” foi inserido em um discurso escatológico religioso no transcorrer das primeiras do oitocentos. Antes mesmo da onda revolucionária de 1820, intelectuais críticos do racionalismo iluminista escreviam sobre a necessidade de resgate dos preceitos morais solapados pela crítica à Igreja Católica, valorizando sentimentos religiosos universais transmitidos através de um cristianismo “natural” (COELHO, 2019, p. 22). O catolicismo representaria o sistema conservador responsável por levar a França à ruína, enquanto os franceses buscavam reconstruir o Estado destruído pelas guerras revolucionárias e por Napoleão Bonaparte.

Em 1820, questionamentos ao regime contribuíram para a tentativa de derrubada da monarquia. O movimento foi prontamente reprimido. Contudo, a postura crítica da manifestação em relação ao governo, com reivindicações nacionalistas e republicanas, manteve-se presente nas sociedades secretas, como na maçonaria, e também na *École*

Polytechnique – uma das mais prestigiadas instituições educacionais francesa (HOBSBAWM, 2007, p. 165-166).

Neste contexto, o sansimonismo tornou-se um movimento político convertido a seita religiosa que exerceu uma grande influência na sociedade francesa entre 1820 e 1850, disponibilizando uma filosofia espiritualista que tentava consertar as expectativas políticas de parte representativa da população que se insurgia, com a renovação de premissas morais fundamentadas no cristianismo.

O sansimonismo tem origem no pensamento do conde de Saint-Simon (1760-1825), Claude-Henri de Rouvroy. Egresso do curso de Física da *École Polytechnique*, Saint-Simon utilizava princípios científicos para sugerir uma religião onde os padres seriam substituídos pelos homens de ciência (homens de gênio) e Isaac Newton personificava o sumo sacerdote (1803, p. 31-32). Ele acreditava que a indústria e a ciência eram pontos fundamentais para a reforma social.

Seguindo o lema exposto no frontispício de suas obras “Cada um seguindo suas capacidades, cada capacidade seguindo suas obras”, afirmava que o papel dos homens de gênio era guiar a sociedade, pois esse grupo possuía a capacidade de executar suas ideias, impulsionando a indústria, a ciência e a invenção. Os proprietários de terras teriam a função de gerar o progresso social por meio da doação voluntária de parte de suas posses, com o intuito de promover os menos afortunados, gerando assim o equilíbrio entre indivíduo e sociedade (SAINT-SIMON, 1803). Para isso, seria necessário fundar cristianismo renovado, garantindo os valores morais da sociedade, incentivando a cooperação e favorecendo o desenvolvimento e a inovação da indústria e, por consequência, a melhoria da sociedade.

Voltado ao exercício da caridade e à procura do bem comum, o novo cristianismo se apresentava como uma religião natural, orientada pelas leis científicas, que regeneraria concepções morais universais difundidas por Jesus Cristo (SAINT-SIMON, 1825).

A filosofia de Saint-Simon foi desenvolvida durante o período napoleônico, mas ganhou popularidade no decorrer dos anos 1820, quando Jean Reynaud (1806-1863) se tornou um dos mais atuantes adeptos do sansimonismo e de sua proposta de reforma social.

Reynaud era proveniente de uma família rica de Lyon e foi educado por Merlin de Thionville, seu tio, que lhe inculcou sentimentos nacionalistas e republicanos (LEGOUVÉ, 1864, p. 5-25).

Estudou engenharia de minas na *École Polytechnique* entre 1821 e 1827, sendo

influenciado pelos ideais sansimonistas pelo seu professor de geologia Prosper Enfantin, um dos líderes do movimento (SHARP, 2006, p. 4). Um dos principais objetivos do sansimonismo era reorganizar a sociedade priorizando os mais pobres. Essa meta se tornou uma máxima na folha de rosto de suas publicações “Melhoria física e intelectual da classe mais pobre e laboriosa” (LEGOUVÉ, 1864, p. 24-25).

Em 1830, Reynaud abandonou sua função como engenheiro de minas na Córsega para se juntar aos revolucionários que depuseram o rei Carlos X, colocando no poder uma monarquia constitucional de caráter liberal representada pelo rei Luís Filipe de Orleães. Reunindo-se com sansimonistas, encontrou o seu principal amigo e colaborador, o tipógrafo e jornalista Pierre Leroux (1797-1871), um dos 44 signatários do manifesto impresso em alguns dos principais jornais franceses que marcou o início dos conflitos.

Envolvido com as causas progressistas idealizadas por Saint-Simon, Leroux transformou o seu jornal, o *Le Globe: journal politique, philosophique et littéraire*, em um grande divulgador político de teses liberais e republicanas. Após o processo revolucionário de 1830, o periódico foi adquirido por sansimonistas e passou a difundir seus pressupostos, até ser acusado de seita religiosa por seus opositores, o que era proibido pelas leis da época, sendo fechado em 1832.

O ato de censura e de perseguição aos sansimonistas provocado pela Monarquia de Julho levou Reynaud e Leroux a criarem filosofias próprias, ainda que alicerçadas na obra de Saint-Simon. Leroux se destacou na defesa do republicanismo, aproximando-se de Reynaud. Os laços de amizade iniciados nas reuniões dos discípulos de Saint-Simon geraram uma parceria com diversas publicações (CHISHOLM, 1911, p. 485).

Ambos tinham um objetivo comum: descobrir um desenlace moral e religioso ao problema social. Essa questão era considerada essencial para o surgimento do novo homem, e assim, da nova sociedade. Tal objetivo representava uma ruptura no pensamento sansimonista onde era fundamental para a reforma social ela ser conduzida pelos mais qualificados, sendo a moralidade e a religião um quesito importante, mas secundário deste processo. Conforme Leroux expõe no trecho:

Você pede para o céu, para a terra, para todos os ecos,
Políticas do meu tempo; mas o céu e a terra e todos os ecos
estão silenciosos para você. Liberdade... igualdade: este é o
terrível problema que reduz à anarquia e põe em xeque a sua

pretensa sociedade. Há um terceiro termo, a fraternidade, que poderia servir de ligação para os outros dois, se todos os três estivessem unidos em um pensamento que tem nome *religioso*. Infelizmente para você, com a religião, a fraternidade se elevou no céu e deixou a terra lidar com a liberdade de um, com a liberdade do outro, isto é, os dois princípios incongruentes entre si, que agora chamamos de liberdade e igualdade (LEROUX, 1851, p. 26, tradução nossa).

Esse trecho, extraído de um discurso publicado em 1831 na *Revue Encyclopédique*, um jornal de esquerda, foi direcionado a republicanos e trabalhadores frustrados com o caráter liberal que assumiu a Revolução de 1830, excluindo os anseios desses grupos, participantes ativos do processo revolucionário. Nele, Leroux chamava a atenção para a fraternidade que seria um elo fundamental entre a liberdade e a igualdade. Sem a fraternidade, haveria o abuso da liberdade dos mais poderosos sobre os que têm menos poder, impedindo também o estabelecimento da igualdade. Assim, o elemento religioso tornava-se fundamental por ser o responsável em promover a fraternidade que reduziria o abuso político e econômico do ser humano pelo ser humano, gerando a reforma social pretendida. Essa é a principal fonte de crítica às religiões instituídas, que delegaram a fraternidade ao céu, reduzindo a sociedade à anarquia revolucionária.

No mesmo ano, adotando um discurso mais conciliador, Reynaud escrevia para periódicos burgueses e sansimonistas apelando para a moralidade dos governantes e dos empregadores, para a aprovação do sufrágio universal e a partilha de parte das terras e das fábricas com os trabalhadores (GRIFFITHS, 1982, p. 366-367). Em seus escritos, Reynaud atrelava a evolução da sociedade a atuação do plano espiritual que a guiaria rumo ao progresso:

A humanidade, em seu desenvolvimento, não obedece passivamente à voz dos homens, que por sua vez chegam a comandar suas amplas evoluções; parece que o espírito que imprime o progresso se espalha misteriosamente sobre as massas antes de uma palavra humana ressoar; por todas as partes, o pensamento, como que submetido a essa influência

secreta, vira-se vagamente e sem cálculo para o novo objetivo, mas quando a voz irrompe, todos a reconhecem e vão a ela; pois é a voz da humanidade tomando um órgão, é a palavra que se torna homem (1832, p. 21, tradução nossa).

Comparando os dois trechos, é possível perceber uma diferença crucial para a inserção da moral e do religioso na resolução do problema social. Leroux enfatizava o imanente, ou seja, a moral e a fraternidade entre os seres humanos, enquanto Reynaud se apoiava no transcendente, no espírito que iluminaria os caminhos do progresso para a humanidade.

Recusando-se em converter suas ideias em teologia de um religião instituída, a igreja sansimonista comandada por Prosper Enfantin, Reynaud e Leroux romperam definitivamente com esse grupo, passando a administrar a *Revue Encyclopédique* que passou a propagar preceitos pioneiros do socialismo na França, incluindo o próprio termo (LEGOUVÉ, 1864, p. 44-47).

As reivindicações sociais de Reynaud e Leroux ganharam amplitude em 1833, com a publicação do manifesto: *Exposé des principes républicains de la société des droits de l'homme et du citoyen*. O panfleto organizado por opositores que reagiam às medidas conservadoras do “rei burguês”. Ele agregava conceitos republicanos de caráter liberal como a livre manifestação da imprensa, direito de ir e vir e igualdade legal; com ideias socialistas de inspiração sansimonistas como o dever do Estado em munir a subsistência de seus cidadãos, garantindo-lhes trabalho; o sufrágio universal; e o trabalho remunerado a todos os funcionários públicos. Estas duas últimas reivindicações visavam oferecer garantias políticas aos trabalhadores pobres não só de escolher seus representantes através do voto, mas também que pudessem ser eleitos, já que ainda não havia em diversos Estados europeus a tradição de remunerar cargos eletivos (LEROUX; REYNAUD, 1833).

Enquanto Reynaud e Leroux buscavam reformar a sociedade por meio do convencimento dos governantes, industriais e proprietários de terras a adotarem ações que promovessem as camadas mais pobres, o reformista Charles Fourier (1772-1837) realizou diversos experimentos de uma nova organização social em Estados como a França, os Estados e o Brasil.

Os falanstérios surgiram como um sistema social que aspirava alterar por completo a estrutura individual e coletiva da sociedade, livrando-a de suas vicissitudes. Seguindo o

preceito de Saint-Simon de que a reforma social ocorreria quando a cooperação substituísse a competição, Fourier fundou diversas comunidades onde trabalhadores e proprietários repartiriam o resultado do trabalho em três partes: de acordo com o capital investido, segundo o trabalho desempenhado e conforme a habilidade exigida na produção. A repartição também respeitava a máxima sansimonista de recompensar os proprietários, os trabalhadores e os homens de gênio de acordo com suas capacidades (PELLARIN, 1843, p. 416-422).

Assim como Saint-Simon, Reynaud e Leroux, a posição religiosa de Fourier era anticlerical. No entanto, ele propunha uma forma de religiosidade centrada na reencarnação, onde o ser humano era dotado de duas existências: a “vida atual” e a “vida aromal”. A vida atual seria comparada ao sono, enquanto a vida aromal seria o despertar do ser, a verdadeira existência. A vida aromal daria ao ser a possibilidade de acessar existências passadas e de reencarnar em outros planetas, tornando-se um importante elemento religioso do fourierismo (PELLARIN, 1843, p. 305-307). Para ele, a regeneração da sociedade se daria pela ação reparadora dos indivíduos, que expiariam suas fragilidades de outras existências.

A inclusão da reencarnação como elemento religioso para a realização da reforma social idealizada por Fourier não foi uma ação isolada. Ela foi adotada por diversos reformistas sociais do período que consideravam tais ideias importantes à regeneração social, moral e religiosa francesa, contribuindo para o surgimento de uma nova concepção que agregasse o propósito de ação revolucionária e de equidade social. Reynaud e Leroux enxergaram a reencarnação como a resolução do problema do egoísmo humano que desestabilizaria o cooperativismo apregoado por Fourier. Para eles, as sucessivas reencarnações resultariam na implantação de uma sociedade igualitária pois seria consequência da marcha rumo ao aperfeiçoamento da humanidade.

As transmutações do caminho que deveria ser percorrido para se atingir a reforma social, trouxe a religião que, em Saint-Simon, possuía um papel secundário, para o centro do problema. A inclusão da reencarnação como um preceito religioso essencial para a resolução da questão, pode ser considerado exótico em uma região de longínqua tradição religiosa reencarnacionista e fortemente ligada ao catolicismo. Contudo, a crise dessa instituição com parte da sociedade francesa no período pós-revolucionário, somado ao desejo de se constituir novas formas de espiritualidade que se afastasse do modelo vigente, terminou por gerar uma abertura à penetração de ideias reencarnacionistas provenientes de

diversas fontes.

A reencarnação como meta da sociedade, do indivíduo e do espírito

As origens do conceito de reencarnação absorvido e difundido por grande parte dos reformistas sociais estão associadas a dois outros conceitos semelhantes que ganharam força entre o final do século XVIII e as duas primeiras décadas do século XIX: a metempsicose e a palingenesia.

A metempsicose possuía duas procedências: a oriental e a ocidental. A primeira, resultado das conquistas do exército napoleônico no final do setecentos, como a invasão ao Egito, despertando a curiosidade de escritores e de pintores em explorar culturas exóticas, como a da Índia. A metempsicose, presente na religião e nos textos sagrados dos hindus, foram abordados em poesias e romances de autores famosos do romantismo francês como Charles Baudelaire e Honoré de Balzac.

O orientalismo, contudo, teve uma propagação limitada entre os leitores. Os valores culturais franceses continuavam vinculados aos preceitos iluministas de aperfeiçoamento da sociedade e de progresso. A possibilidade do ser humano reencarnar como um animal, conforme professava a metempsicose, chocava-se com as teses evolucionistas do período.

As raízes ocidentais da metempsicose são mais marcantes na cultura francesa. Ela remonta Platão, Tales de Mileto e Plotino, filósofos do classicismo grego que desenvolveram suas ideias por meio de trocas culturais com o oriente, tornando-as facilmente assimiladas pelos entusiastas do Iluminismo.

E foi justamente através de uma obra iluminista, *La palingénésie philosophique* (1769), de Charles Bonnet (1720-1793) que as ideias modernas de reencarnação repercutiram na França. Palingenesia é o processo biológico de renascimento de um vegetal. A etimologia vem de duas palavras gregas que significam “gerar novamente”. Adaptando o termo biológico para a filosofia, Bonnet se utilizou da ambiguidade da palavra para argumentar sobre a ressurreição e sugerir que as espécies se aprimoraram após grandes cataclismas, seguindo um plano divino. As palingenesias consecutivas evoluíam as espécies até que elas chegassem ao estado contemplativo da divindade (BLIX, 2008, p. 229).

A palingenesia filosófica de Bonnet estava diretamente atrelada à noção de progresso consagrada pelos iluministas, pois, a cada ressurgimento o ser aproxima-se de Deus. Esse argumento foi bem recebido pelos intelectuais franceses e propalado nos salões literários, onde escritores românticos, filósofos naturais e pensadores promoviam debates

para discutir temas de variadas especialidades, inspirando escritores como Pierre Leroux, Charles Nodier e Pierre Ballanche (SHARP, 2006, p. 11-12).

Pierre Simon Ballanche (1776-1847) foi o pioneiro em adaptar a tese de Bonnet. Em 1827, ele define o homem como um ser coletivo que deveria ser aprimorado dentro da sociedade, ou seja, o ser humano estaria sujeito à “palingênese social”. O livre-arbítrio e o individualismo tinham uma atribuição secundária em sua filosofia (BALLANCHE, 2013). Assim como os vegetais, uma sociedade também estaria sujeita a cataclismas que a destruiria, demandando sua reconstituição e aperfeiçoamento. Eventos geradores de rupturas como as revoluções, ou mais especificamente a Revolução Francesa, levaria a morte da sociedade bem como a sua transformação em uma organização social nova, restabelecendo sua unidade histórica. Todos os danos e penúrias seriam transmutados em aquisições sociais e morais necessárias para o aperfeiçoamento da humanidade.

A doutrina de provas era o cerne do pensamento de Ballanche. Em uma abordagem pessimista, afirma que o custo da evolução social seria a expiação e o sofrimento. Seja por causa do pecado original, seja pela necessidade da coletividade expiar as próprias dores através de servidões forçadas e guerras para garantir a gradual redenção das sociedades (SHARP, 2006). Nesse sentido, Ballanche acrescenta uma proporção religiosa à filosofia de Bonnet, ao afirmar que as mudanças sociais também seriam conduzidas por Deus, negligenciando a capacidade de transformar a sociedade politicamente.

Um segundo intelectual que incorporou a palingenesia social de Bonnet em seus escritos foi Charles Nodier (1780-1844). Ainda que admirasse o pensamento de Ballanche e adotasse uma visão pessimista acerca do progresso da sociedade, ele escolheu um percurso diferente ao afirmar que o renascimento não era próprio da sociedade, mas sim do indivíduo. Em sua visão pessimista, não achava que o ser humano iria, necessariamente, progredir reencarnando (BLIX, 2008, p. 235).

Nodier revelou seu pessimismo já no título de seu primeiro artigo sobre o tema publicado, em maio de 1830, na *Revue de Paris: De la fin prochaine du genre humain* (1830). Nele, havia um sentido ambíguo: o fim da humanidade e a finalidade do gênero humano. Ele defendia que, assim como os cataclismas trouxeram espécies mais desenvolvidas, a humanidade daria lugar a uma espécie mais aprimorada no final de reencarnações sucessivas, conforme o trecho, conforme o trecho:

É um erro que singularmente caracteriza a vaidade da

humanidade acreditar na raça imortal de Adão, no meio de tudo que morre, e imaginar que o princípio da destruição, que mina os sóis, pouparia respeitosamente um triste quadrúpede vertical, ao qual pertence o império do mundo (NODIER, 1831, p. 301-302, tradução nossa).

Embora o pensamento de Nodier seja marcado pelo negativismo de suas primeiras publicações acerca da palingenesia, ele adotou um tom mais progressista em suas obras posteriores. No conto *Lydia ou la résurrection* (1830), escreve sobre o sonho de Lydia, em que é conduzida pelo finado marido a um lugar de almas ressurreitas ditosas, que seria um lugar intermediário entre a Terra e o paraíso, no qual se preparariam para atingir uma fase superior da existência. O conto trata do renascimento em um mundo metafísico, mantendo a ideia de que o gênero humano não era a obra privilegiada do Criador, contudo os espíritos teriam a chance de se aprimorar em um lugar fora do planeta (SUKIENNICKA, 2016).

As filosofias de Nodier e de Ballanche, representando a palingenesia individual e social, respectivamente, foram debatidas nos círculos sansimonistas, sendo absorvidas e defendidas por Leroux e Reynaud mesmo depois da ruptura deles com os partidários de Saint-Simon.

A *Revue Encyclopédique* centralizou grande parte das publicações a respeito desses pressupostos que uniam transformações religiosas e sociais, entre 1831 e 1834. Leroux e Reynaud fundaram um novo jornal em 1834, a *Encyclopédie Nouvelle*, que, por oito anos, teve como meta educar seus leitores acerca de uma sociedade nova que surgiria. A educação tinha um papel crucial na teleologia de Leroux, até atingir a equidade social. Inclusive, os acréscimos e supressões na ideia de palingênese desenvolvida por ele recebeu influências da obra *A educação do gênero humano* de Gotthold Lessing, como afirma no trecho:

A raça humana, de acordo com a ideia de Lessing, passa por todas as fases de uma educação sucessiva: só chegou à fase da igualdade depois de ter passado pelos três tipos de desigualdade possível: o sistema de castas familiar, o sistema de castas e o regime de propriedade de castas. Mas finalmente atinge hoje o limite desta última fase de desigualdade e, portanto, está no limite da igualdade. Sem dúvida, era bom e

necessário que o homem fosse sucessivamente escravo da família, da nação e da propriedade. Mas, finalmente, sua educação sendo concluída a esse respeito, ele começa a se libertar dessa escravidão tripla, ele começa a ser um homem. A desigualdade era antigamente sinônimo de “a ideia do homem”: hoje é a igualdade que é esse sinônimo (LEROUX, 1845, p. ix-x, tradução nossa).

Assim, ele acreditava que a educação era fundamental para a conquista da igualdade, que neste caso, é entendida como igualdade perante a lei. A educação seria responsável pela superação da ignorância e da escravidão da sociedade.

Para alcançar esse objetivo, Leroux juntamente com Reynaud, explicitava no manifesto republicano de 1833 a necessidade de alterações no sistema educacional como a instrução gratuita exercida por professores laicos para meninos e meninas, o que reduziria a influência do catolicismo na educação francesa.

Leroux acreditava que o catolicismo oferecia uma verdade incompleta, pois prometia a igualdade social após a morte, quando deveria instruir a sociedade a alcançá-la em vida. A formação educacional, para ser completa, precisaria incluir a tradição religiosa judaica e evangélica, além da filosofia clássica. O cristianismo teria, para ele, dado uma grande contribuição que deveria receber complementos da noção de progresso preconizada na Antiguidade Clássica e notabilizada pelo Iluminismo. O objetivo era retomar as raízes dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade (BLIX, 2008, p. 236). A implantação da educação pública também seria uma maneira de igualar os desiguais, e de combater o individualismo resultante da educação familiar. Em 1832, na *Revue Encyclopédique*, Leroux publicou as reivindicações de um professor que resume, parcialmente, visão dele sobre a educação:

- 1º A educação de família é uma anomalia no estado social;
- 2º É necessário que a sociedade forme um todo coerente, é necessário que a educação seja pública;
- 3º A educação das crianças deve ser fundada sobre a influência simultânea e corretamente exercida do homem e da mulher;

- 4º Os alunos devem ser separados entre crianças e adolescentes;
- 5º A instrução não deve ser muito apressada para não gerar dano à educação;
- 6º As punições corporais devem desaparecer (SOUVESTRE, 1832, p. 116, tradução nossa).

As reivindicações educacionais se aliavam ao propósito de progresso e de busca pela civilização moderna, conforme a palingenesia idealizada por Lessing. Desse modo, as pretensões educacionais de Leroux também eram religiosas, pois enfatizavam a busca da igualdade, da fraternidade e da certeza na vida futura (SHARP, 2006, p. 14).

Reynaud e Leroux começaram a divergir seus pensamentos na década de 1840. Leroux acreditava que a humanidade renasceria após as revoluções e os cataclismas no transcorrer das eras como um único e imortal ser. Sendo o objetivo principal da reencarnação assegurar aos seres humanos que eles testemunharam a implantação de uma sociedade justa, desprovida de desigualdades. Logo a explicação para o renascimento só poderia ser dada em seu sentido coletivo, o que trazia como consequência a despersonalização do indivíduo após a morte. A humanidade seria educada para dirimir o egoísmo e a ignorância, enquanto os seres humanos perderiam as características pessoais e a memória da vida passada. No sistema de Leroux, o aperfeiçoamento coletivo da sociedade é mais importante do que o aprimoramento da alma individual (1851, p. 237).

Por sua vez, Reynaud acreditava em uma forma de reencarnação chamada de transmigração, em que o ser conservaria as lembranças das vidas anteriores e renasceria em outros planetas. Isso seria uma ferramenta imprescindível de aprendizado e aprimoramento individual:

ela [a memória] se desenvolve, amplia, retoma sua primeira extensão; então, de repente, ela desaparece novamente e reaparece novamente; eclipse em eclipse, continuamos nosso caminho, e esse caminho, dividido por essas obscuridades periódicas, é um caminho contínuo, cujos elementos, desarticulados apenas na aparência, permanecem em toda parte acorrentados uns aos outros por uma profunda

solidariedade; sempre nos sucedemos a nós mesmos, sempre carregamos dentro de nós o princípio do que seremos depois, sempre nos elevamos (REYNAUD, 1837, p. 616, tradução nossa).

Memória, transmigração e progresso caminham juntos no sistema de Reynaud. Para ele, a existência terrestre seria uma das etapas da evolução humana. Um eclipse da memória quando comparado à totalidade do ser. Uma vez reencarnado a memória das existências anteriores desapareceria momentaneamente, recobrando-se após a morte. Contudo, com a evolução do indivíduo, os eclipses seriam reduzidos cada vez mais, até que não fosse mais necessário interrompê-la, graças ao seu estado evolutivo adiantado.

Reynaud retoma Ballanche ao afirmar que a expiação e o sofrimento se ofereciam como provas necessárias para que se alcance a felicidade futura, pois o propósito da humanidade é transformar o planeta, de um lugar habitado por um grande número de pessoas em sofrimento, para um local povoado por criaturas felizes (REYNAUD, 1837, p. 616).

Para eles, a condenação eterna e o pecado original eram dogmas que não condiziam com a justiça divina. Porém, apresentavam argumentos distintos para a questão. Leroux considerava que o paraíso, o purgatório e o inferno não eram transcendentais ao ser humano; estariam no mundo e fariam parte do aprimoramento da humanidade (LEROUX, 1845, p.143-154). Já Reynaud trocou o sistema punitivo estabelecido pelo catolicismo por uma concepção particular da reencarnação. Para ele, o céu seria um caminho a percorrer e não um fim. No decorrer das sucessivas existências, o espírito progressivamente se aperfeiçoaria, habilitando-se a habitar outros globos de acordo com o grau de sua evolução. Morrer não o conduziria ao julgamento, a um novo corpo mais aprimorado (REYNAUD, 1837, p. 606-616).

O sofrimento da humanidade proviria das ações individuais das pessoas. Ele mantinha as regras de punição e recompensa do catolicismo, trazendo como novidade a ideia de que a raiz do sofrimento estaria em vidas anteriores, de acordo com o trecho:

Nascer não é começar, é mudar o rosto. Vemos, de fato, corpos que antes não existiam se formando diante de nossos olhos e, finalmente, sua geração concluída, colocando-se

entre nós, de uma forma ou de outra, no nível em que o destino deles os chama; mas nada, nesses jogos da matéria, nos autoriza a concluir que a força que mantém esses corpos, que lhes preexistia, visto que ela os causou, não lhes preexistisse há muito mais tempo, e que já não houvesse, em outros períodos e em outras regiões, construído e mantido muitos outros (REYNAUD, 1837, p. 613, tradução nossa).

Da mesma maneira que o sofrimento se originaria em vidas pregressas, conhecimentos inatos, afinidade entre parentes e posição social, também estariam vinculados a outras existências. Isso posto, Reynaud afirma que o indivíduo não estaria destinado ao sofrimento pela eternidade, pois o ser era capaz de alterar o sentido de sua existência por meio da solidariedade e da caridade.

Reynaud acreditava que apenas o labor em prol do próximo poderia transformar a Terra, de um local de expiações, em um lugar povoado por criaturas felizes. Para ele, a solidariedade e a caridade significariam o serviço humano em favor da igualdade social. O trabalho seria uma propensão permanente da vida dos seres. Os indivíduos não ficariam ociosos mesmo após terem conquistado a felicidade. A espécie humana, em seu percurso rumo ao aperfeiçoamento, proporcionaria o aprimoramento da sociedade (REYNAUD, 1837, p. 610-615).

As filosofias de Leroux e, principalmente, de Reynaud defendiam a igualdade de gênero. Como a reencarnação possibilitaria uma pessoa do sexo masculino renascer no sexo feminino e vice-versa, eles defendiam que as características próprias de cada sexo seriam complementares:

Consideremos nosso corpo como um viajante considera as roupas que ele abandona quando se afasta do país onde estava e se cobre com um novo traje mais propício ao clima e aos costumes do novo local onde vai viver. E o que importam, de fato, a cor e as dobras do manto, desde que sempre nos protejam como convém, e dado que, sob o invólucro mutável, bate sempre o mesmo coração? (REYNAUD, 1837, p. 616, tradução nossa)

Essas ideias chamaram a atenção de defensores dos direitos femininos. George Sand e Ernest Legouvé foram influentes escritores impactados por Reynaud. Sand se inspirou em diversos pressupostos da filosofia de Reynaud, como: complementaridade das características masculinas e femininas para o aprimoramento do ser, e a reencarnação.

O romantismo literário e a difusão da reencarnação

George Sand publicou, em 1856, *Évenor et Leucippe*, no qual procurou aplicar preceitos de Reynaud. Évenor, o protagonista do romance, anseia unir-se a Leucippe, a fim de conseguir evoluir até a classe angelical. Juntos, os dois trabalham no intuito de reformar a humanidade por meio da solidariedade, inspirada em Teleia, pertencente a uma raça ancestral (MATHIAS, 2018, p. 42).

George Sand foi uma destacada escritora entre os românticos que adotaram a reencarnação como tema em suas obras. As ideias reencarnacionistas na época, tiveram repercussão ampla em diversas camadas da sociedade francesa, penetrando desde os salões literários mais eruditos até a classe trabalhadora. A metempsicose fora adaptada para o universo cultural francês, sendo difundida, em jornais e em obras literárias, entre 1830 e 1850, como uma possível solução para o desconcertante problema da desigualdade social. Nesse cenário, o romantismo francês veiculava também uma visão quase religiosa centrada na prática da caridade associada a valores progressistas, como a ampliação dos direitos das mulheres, dos trabalhadores, e em valores democráticos, tornando-se uma importante caixa de ressonância dessas ideias na sociedade.

Delphine de Girardin (1804-1855) organizou diversos salões literários que exerceram considerável influência entre escritores e intelectuais de sua época. O pensamento de Reynaud e Leroux repercutiu entre os frequentadores das reuniões, muitos se tornaram reencarnacionistas, conforme o caso da George Sand, já mencionado, e de outros escritores famosos do romantismo literário como Alfred de Musset, Théophile Gautier, Honoré de Balzac e Victor Hugo (PINON, 2015).

Em seus romances, Girardin escreveu diversas passagens a respeito da reencarnação, sob metáforas literárias. Em 1853, ela se tornou uma entusiasta adepta do fenômeno das mesas girantes, dançantes e falantes, prática que supunha a capacidade de evocar espíritos. Girardin realizou, juntamente com Victor Hugo, diversas sessões mediúnicas e o convenceu da possibilidade de se comunicar com os mortos (PINON, 2015,

p. 4-5).

Victor Hugo foi responsável por transferir para o espiritualismo moderno os valores românticos no período pós-1848. Tornou-se reencarnacionista, participando de sessões mediúnicas entre 1853 e 1855. Dentre os participantes estava Pierre Leroux, que se tornou amigo de Hugo, durante o tempo em que viveram no exílio em Jersey. Hugo publicou *La grève de Samarez* (1863-1864), revelando suas conversas filosóficas com Leroux.

Admirador e leitor de Reynaud, Ele considerava os diálogos que registrou em quatro cadernos, travados, supostamente, com mais de cem espíritos como prova definitiva da reencarnação. Convencido da união entre o progresso e a imortalidade da alma, ele foi um dos defensores dessa ideia entre os republicanos. As comunicações dadas pelos supostos espíritos inspiraram diversos poemas e livros de Hugo (BOIVIN, 2018).

Outro representante de destaque do romantismo francês, Gérard de Nerval (1808-1855) tinha uma visão sincrética da religião, nela fez uso da ideia de reencarnação em que reuniu elementos cristãos com outros do paganismo greco-romano e também de religiões orientais. Assim, tal como Reynaud, Nerval afirma em diversas obras, que a alma pode carregar consigo memórias como destacou na novela *Aurélie* ou *Le rêve et la vie* (1854). Ele expôs a possibilidade de se reencarnar múltiplas vezes na Terra, ainda que na reencarnação presente a memória das vidas passadas se esvaísse. Contudo, essas memórias não estariam completamente perdidas, haveria a possibilidade de resgatar tais reminiscências de existências anteriores por meio de experiências que envolvessem sinais como sons e cheiros.

A influência da filosofia de Reynaud e Leroux foi além da esfera literária. Henri Dominique Lacordaire (1802-1861) e Félicité de Lamennais (1782-1854), dois dos mais influentes filósofos do socialismo cristão, impressionaram-se com os argumentos de solidariedade e caridade. Segundo Lamennais, ainda que rejeitassem a religião tradicional, eles buscaram renovar a fé religiosa, emprestando postulados dos socialistas românticos que resultariam na formação de uma democracia religiosa (1866).

Já Jules Michelet (1798-1874), historiador, abrigou em seus escritos a concepção de progressividade da humanidade como um fenômeno cíclico da natureza, em que o homem caminharia na busca pela liberdade e pela harmonia social, materializada pela fraternidade (MITZMAN, 1996, p. 668).

Mesmo com a difusão das ideias reformistas e reencarnacionistas sendo realizada por alguns dos mais famosos escritores franceses, de maneira geral, a classe trabalhadora

não participava desse universo cultural. A penetração dessas ideias nesse grupo era de responsabilidade dos jornais populares, de linguagem simples e preço acessível. George Sand e Jean Reynaud desempenharam o papel de promover as ideias de solidariedade, reencarnação e reforma social no *Magasin Pittoresque*, buscando combinar a escrita com imagens para esclarecer e complementar as matérias (AURENCHE, 2002).

Quando afirmamos que essas ideias reencarnatórias foram recebidas com entusiasmo pelos mais diversos entes da sociedade francesa não estamos afirmando de forma alguma que sua aceitação foi unânime. Houveram também manifestações muito contrárias a elas, especialmente entre os setores da Igreja Católica. A exemplo disso, em agosto de 1856, as teses da obra mais madura de Jean Reynaud, *Terre et ciel* (1854) foram condenadas pelo o concílio da província eclesiástica de Bordeaux que se reuniu em Périgueux. Numa tentativa de minimizar essa condenação e em resposta às críticas, Reynaud tratou de afirmar que as ideias contidas em seu livro poderiam ser abraçadas pelo catolicismo, uma vez que ensinavam uma verdade comum que alcançaria, ao fim de tudo, uma religião universal (CUCHET, 2004).

A condenação da obra de Reynaud ocorreu na década em que suas ideias, juntamente com as de Leroux, ganharam maior notoriedade, principalmente entre os adeptos do movimento espiritualista. Não apenas o progresso individual ganhou adeptos, como também o teor nacionalista da sua concepção, reforçado com o governo de Napoleão III. Contudo, a repressão do regime de Luís Bonaparte aos seus dissidentes políticos após o golpe de Estado de 1851 contribuiu para a censura da obra de Leroux e do exílio na ilha de Jersey. Enquanto Jean Reynaud se afastou dos temas políticos, atuando como um filósofo espiritualista até o final da vida. Grande parte de seus leitores e partidários aderiram ao espiritismo que, por sua vez, absorveu grande parte do pensamento desses filósofos (PIMENTEL, 2019).

Considerações finais

Mesmo sabendo que a contribuição de Reynaud teve peso considerável na construção de ideias reencarnacionistas em meio a sociedade francesa, é inadequado afirmar que havia unidade e consenso dessas ideias entre os intelectuais francófonos que se debruçaram sobre o tema no século XIX. Para elucidar isso, podemos citar o fato que muito do vocabulário que era utilizado, carregava conceitos distintos entre si: a palingênese em Reynaud já não mantinha a centralidade da ideia original de Ballanche; a metempsicose,

conceito trazido dos hindus, se diferenciou da explicação que os franceses deram para o progresso contínuo; em Leroux, o renascimento tinha caráter imanente, negando vida em outros planetas; já a ressurreição de Nodier, ao contrário, era transcendente, rompendo com a ideia contínua de progresso, distanciando-se, dessa forma, do significado bíblico que antes lhe fora dado.

Esses diferentes conceitos relacionados a ideias reencarnacionistas continham o propósito comum de orientar o progresso social, difundindo os conceitos já consagrados pelos trabalhos de Leroux e Reynaud. Para eles, prevalecia uma teleologia que acreditava que, para a fundação de uma nova sociedade, era fundamental trabalhar no renascimento do ser humano. Nessa nova sociedade fundada por uma humanidade renovada, a igualdade teria valor inestimável; juntos, indivíduos e sociedade se desenvolveriam, atravessando múltiplas existências, até encontrar a perfeição. Assim, essa variedade de concepções acabou criando um movimento mais eclético que ganhou forma e força na metade do século XIX.

De maneira geral, pode-se afirmar que, entre 1830 e 1840, as ideias afinadas com o socialismo e o romantismo deram cabo a uma onda de novas formas de religiosidades seculares e laicas. Todas se apresentavam como alternativas interessantes aos modelos religiosos já consolidados socialmente, vinculados, inclusive, com as formas tradicionais de governar.

Com ênfase na justiça e na reforma social, as teorias defendidas por Leroux e por Reynaud, afinadas com conceitos reencarnacionistas, foram bem recebidas e assimiladas no citado período. Podemos afirmar que o entusiasmo com as ideias desses autores se deve ao fato de despertar esperança na mudança da humanidade/sociedade para melhor evocando a solidariedade como elementos indispensável para o aprimoramento humano. Condenando veementemente tudo relacionado a conflitos e guerras, esses autores exaltavam, em primeira instância, a fraternidade como um princípio que poderia ser alcançado de forma pacífica.

Também nesse período, política e metafísica passaram a ser interseccionadas por socialistas românticos numa visão que indicavam a reencarnação como uma saída para a regeneração social e individual, de forma integrada, construindo uma ponte entre o liberalismo e o chamado socialismo republicano.

A partir da década de 1850, o fenômeno das mesas girantes retomou esses ideais: a experiência da comunicação espiritual dos mortos foi aliada a reafirmação da existência da

reencarnação juntamente com a promessa que um dia a reforma social chegaria através da reformulação do homem em uma versão superior. Muitos destes pressupostos chegaram à sociedade brasileira por meio do espiritismo, integrando parte dos seus princípios filosóficos, como as ideias de reencarnação, regeneração social e progresso. A forma como Allan Kardec absorveu esses conceitos no corpo teórico de sua doutrina ainda é pouco estudado e será abordado em pesquisas futuras

Referências

- AURENCHE, Marie-Laure. *Édouard Charton et l'invention du Magasin pittoresque (1833-1870)*. Paris: H. Champion, 2002.
- BALLANCHE, Pierre Simon. *Essais de la palingénésie sociale. Prolégomènes - Primary Source Edition*. BiblioBazaar, 2013.
- BLIX, Göran M. . La Palingénésie romantique: histoire et immortalité de Charles Bonnet à Pierre Leroux. In: SÉRINGER, Gisèle; PETTIER, Paule. *Les formes du temps: rythme, histoire, temporalité*. Presses Universitaires de Strasbourg, p. 225-240, 2008.
- BOIVIN, Patrice. Introdução. In: HUGO, Victor. *O livro das mesas: as sessões espíritas de Jersey*. Tradução de André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2018.
- CHISHOLM, Hugh (ed). "Leroux, Pierre". *Encyclopædia Britannica*, 11 ed. Cambridge University Press. p. 485, 1911. V. 16.
- COELHO, Humberto S. Matrizes filosóficas do espiritualismo moderno. In: GOMES, Adriana; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da; PIMENTEL, Marcelo Gulão. *Espiritismo em perspectivas*. Salvador, BA: Sagga, p. 8-27, 2019.
- CUCHET, Guillaume. Utopie et religion au XIXe siècle: L'œuvre de Jean Reynaud (1806-1863), théologien et saint-simonien. *Revue historique*. v. 3, n. 631, p. 577- 599, 2004.
- GRIFFITHS, David A. Jean Reynaud: An unfamiliar page from the history of socialist thought. *Science & Society*. vol. 46, n. 3, p. 361-368, 1982.
- HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções (1789-1848)*. 22. ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- LAMENNAIS, Félicité. *Le livre du peuple*. Paris: Bureaux de la publication, 1866
- LEGOUVÉ, Ernest. *Jean Reynaud*. Paris: Charpentier, 1864.
- LEROUX, Pierre; REYNAUD, Jean. *Exposé des principes républicains de la société des droits de l'homme et du citoyen*, 1833.

- _____. Trois discours, aux philosophes, aux artistes, aux politiques, sur la situation actuelle de la Société et de l'Esprit Humain. *Oeuvres de Pierre Leroux (1825-1850)*. Paris: Louis Nêtré Éditeur, 1851. T. 1.
- _____. *De l'humanité, de son principe, et de son avenir: où se trouve exposée la vraie définition de la religion et où l'on explique le sens, la suite et l'enchaînement du mosaïsme et du christianism*. Paris: Perrotin, Libraire-Éditeur, 1845. V. 1.
- MATHIAS, Manon. Reincarnation and transformism in Evenor et Leucippe. *Journal of Literature and Science*. v. 11, n. 1, p. 33-49, 2018.
- MITZMAN, Arthur. Michelet and social romanticism: religion, revolution, nature. *Journal of the History of Ideas*. v. 57, n. 4, p. 659–682, 1996.
- NODIER, Charles. De la fin prochaine du genre humain. *Revue de Paris*, t. XXVI, p. 224-240, 1831.
- PELLARIN, Charles. *Charles Fourier: sa vie et sa théorie*. Paris: L'école sociétaire, 1843.
- PIMENTEL, Marcelo Gulão. *Entre o Púlpito e o Altar: Allan Kardec e os debates entre espiritismo, ciência e religião na França do século XIX (1858-1869)*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2019.
- PINON, Esther. Le monde et l'outre-monde: Delphine de Girardin spirite. *Delphine de Girardin et son temps*. Actes de la journée d'étude organisée à l'Université de Rouen, publiés par Françoise Court-Perez, juin 2015.
- REYNAUD, Jean. *Considérations sur l'esprit de la Gaule*. Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1847.
- _____. Ciel. In: LEROUX, Pierre. *Encyclopédie Nouvelle*. Paris: Editora Gosselin, p. 605-616, 1837. T. 3.
- _____. *Encyclopédie*. In: LEROUX, Pierre. *Encyclopédie Nouvelle*. Paris: Editora Gosselin, p. 753-763, 1841. T. 4.
- _____. De la société saint-simonienne. In: CARNOT, Hippolyte; LEROUX, Pierre. *Revue Encyclopédique*. Paris: Bureau de la Revue Encyclopédique, p. 4-36, janvier-mars, 1832. T. 53.
- SAINT-SIMON, Claude Henri de Rouvroy (Conde). *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporains*, 1803.
- _____. *Nouveau christianisme: dialogues entre un conservateur et un novateur*. Paris: Boussange père, 1825.
- SHARP, Lynn. *Secular spirituality: reincarnation and spiritism in nineteenth-century France*.

Lanham: Lexington Books, 2006.

SUKIENNICKA, Marta. Charles Nodier et la fin du genre humain. *Arts et Savoirs* [En ligne], n. 7, 13 dezembro de 2016.